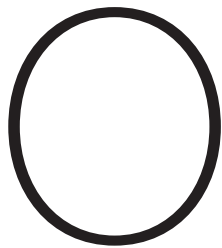


Beleza ao quilo

Das Vénus da Pré-História à moda dos nossos dias, o corpo engordou, emagreceu, voltou a engordar e, num ápice, ficou anorético. Uma pequena história da beleza

TEXTO DE ANABELA NATÁRIO



artista agarrou num pequeno pedaço de calcário poroso e esculpiu uma mulher, talvez a sua ou uma outra da tribo. Fez o que viu ou imaginou a seu gosto? Provavelmente, porque foi há 22 ou 24 mil anos, inspirou-se no modelo mais próximo e comum. Somos, então, levados a pensar que, na Idade da Pedra, um corpo feminino belo era gordo, de seios enormes, ventre proeminente e ancas roliças. Bem, nesta época, dizem os especialistas, o olhar masculino era mais atraído pelo mistério da fertilidade...

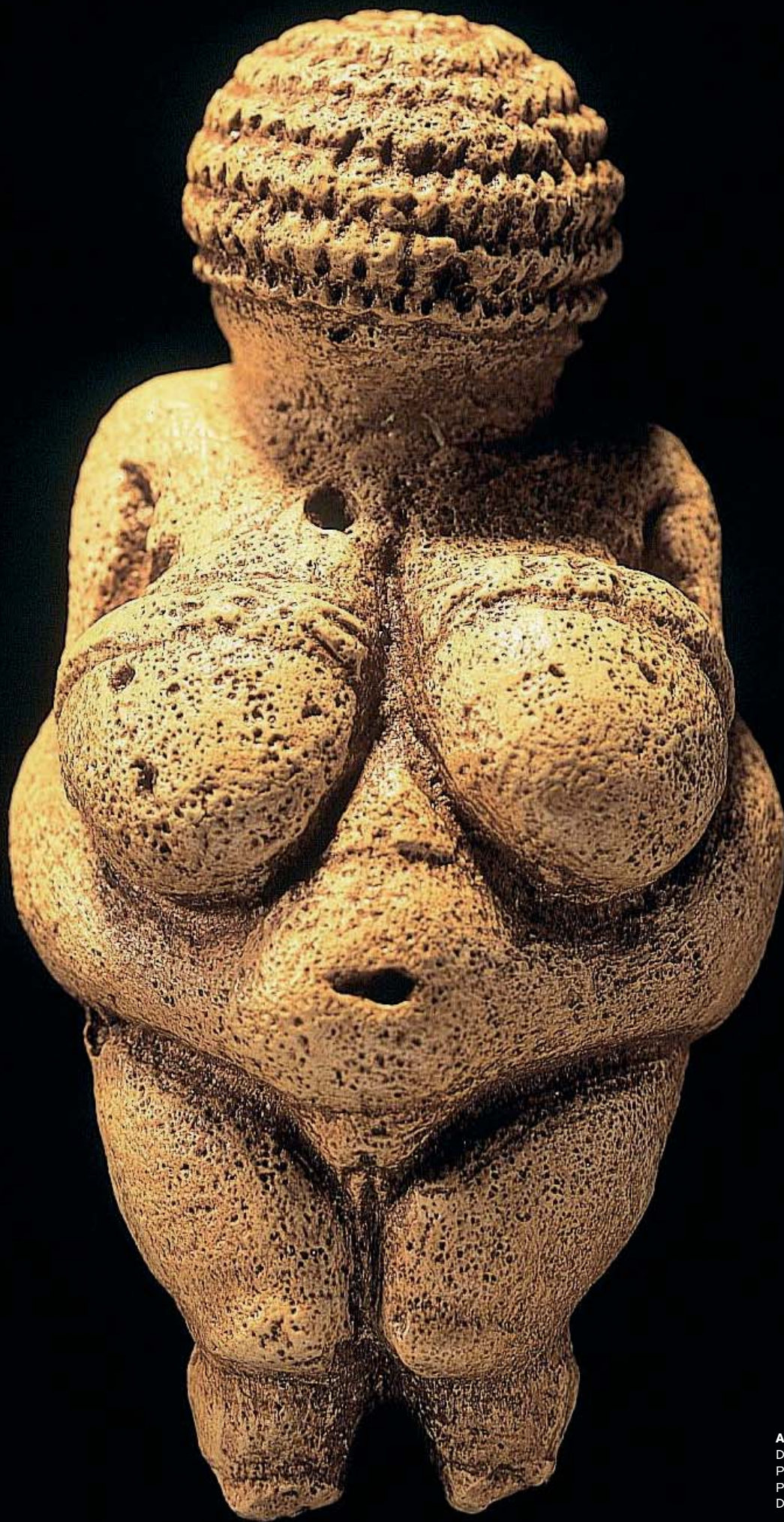
A escultura de 11 centímetros do ilustre desconhecido, desenterrada em 1908, na Áustria, recebeu o nome de Vénus de Willendorf.

Desde essa data, inúmeras estatuetas semelhantes foram sendo descobertas, dos Pireneus à Sibéria, mostrando aquilo que o homem, durante um longo período de tempo, via e apreciava na mulher. A obra mais antiga, conhecida, data de há 35 mil ou 40 mil anos e foi encontrada na

Alemanha, é a Vénus de Schelkingen, de apenas seis centímetros, com o seu peito enorme e ancas largas, em marfim de mamute.

“A beleza das Vénus está nas formas e na valorização do corpo feminino no que há de mais exuberante na mulher: o quadril e o seio. A preocupação estética é inerente à necessidade da expressão humana e o ser humano, nessa época, visceralmente expressa a beleza que é ser mulher: o ser que garante a sobrevivência e continuidade da espécie humana. A imagem do feminino nasce plasticamente do grande mistério que é a fertilidade e do grande enigma que passa a ter esse ser capaz de tamanha divindade — gerar e parir semelhantes”, afirmam as professoras brasileiras Isabel Hennig e Adriana Barbosa no estudo “Para Além das Imagens do Feminino”.

À dezena de pequenas mulheres talhadas em calcário, marfim, cerâmica ou carvão, que os arqueólogos têm encontrado, foi dado o título de Vénus, numa assunção de que estas representam um ideal, ou não tivessem escolhido



A VÊNUS DE WILLEN-
DORF, A PRIMEIRA DE
PEQUENAS ESTATUETAS
PALEOLÍTICAS A SER
DESCOBERTA



CORBIS

DAVID, DE MICHELANGELO, NO APOGEU DO RENASCIMENTO. À DIREITA, EM CIMA, VÊNUS OLHANDO-SE AO ESPELHO, DE VELÁZQUEZ. EM BAIXO, CINCO BANHISTAS DEBAIXO DE ÁRVORES, DE CÉZANNE



GETTY IMAGES



GETTY IMAGES

para as identificar o nome da deusa romana da beleza que nasceu numa concha de madre-pérola e se fazia transportar num carro puxado por cisnes. Era bonita, diríamos ainda hoje, esteticamente bela, proporcional, simétrica e equilibrada — diriam os gregos, para quem o belo também tinha uma dimensão moral.

“Olhemos para uma daquelas estátuas de menina que os artistas do século VI a.C. esculpiam...”, começa por dizer Umberto Eco, na sua “História da Beleza”. “Os pitagóricos teriam explicado que a rapariguinha era bela porque nela um justo equilíbrio dos humores produzia um colorido agradável e porque os seus membros estavam numa relação certa e harmónica, dado que eram regulados pela mesma lei que regia as distâncias entre as esferas planetárias. O artista do século VI estava obrigado a realizar aquela beleza imponderável de que falavam os poetas e que ele próprio teria captado numa manhã de primavera, observando o rosto da rapariga amada, mas obrigado a ter de a realizar na pedra e concre-

O corpo, independentemente da beleza, é o património natural do ser humano

tizar a imagem da rapariga numa forma.”

Avançando até à Renascença, assiste-se a uma nova visão e *utilização* do corpo, apoiada na redescoberta e recriação da Antiguidade Clássica. Entre o fim do século XIII e o princípio do XVII, o corpo passa a ser algo que se deve enfeitar com arte e de modo a ver-se bem. Os ourives criam peças para ostentar pelo corpo, artigos concebidos “segundo cânones de harmonia, proporção e decoro”, como refere o professor italiano licenciado em Estética, lembrando que “o Renascimento é um período de empreendimento e atividade para a mulher, que na vida de corte dita leis na moda, se adequa ao fausto imperante, mas não se esquece de cultivar a sua mente, participa ativamente nas belas-artistas, tem capacidades discursivas, filosóficas e polémicas”.

“Mais tarde, o corpo da mulher, que se mostra publicamente, será contrabalançado pela expressão privada, intensa e quase egoísta dos rostos, de não fácil decifração psicoló-

gica e, por vezes, intencionalmente misteriosa: eis a Vénus de Urbino de Ticiano ou a mulher da Tempestade de Giorgione. A Vénus de Velázquez aparece-nos de costas, enquanto só lhe percebemos o rosto por reflexo, no espelho. Artificialidade do espaço e carácter fugidio da beleza feminina encontrar-se-ão ainda, nos séculos seguintes, nas mulheres de Fragonard, em que o carácter onírico da beleza preludia já a extrema liberdade da pintura moderna: se não há vínculos objetivos para a representação da beleza, porque não colocar uma bela nudez numa merenda burguesa sobre a relva?”

Quanto ao corpo do homem, por esta época, o entendimento é diferente. Quando eles são retratados, não interessam as regras da proporção e da simetria, sim personificar o poder ou, talvez, dar o grito do Ipiranga em relação aos preceitos clássicos. “As formas do corpo não escondem a força nem os efeitos do prazer: o homem de poder, gordo e entroncado, quando não musculoso, tem e ostenta os sinais do poder que exerce. Certamente não são esbeltos Ludovico, o Mouro, nem Alexandre Bórgia (que goza da fama de objeto de desejo das mulheres do seu tempo), nem Lourenço, o Magnífico, nem Henrique VIII. E, se Francisco I de França, no retrato de Jean Clouet, dissimula debaixo de amplas vestes a sua esbelteza *démodée*, a sua amante Ferronière, retratada por Leonardo, enriquece a galeria de olhares femininos indecifráveis e fugidios”, diz Umberto Eco.

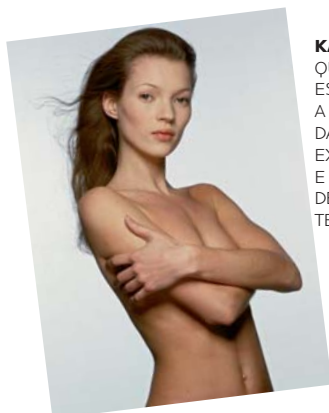
Seja como for, para a mulher e para o homem, o ideal de beleza foi mudando e... repetindo-se. A dada altura, regressámos aos tempos em que gordura volta a ser formosura e as mulheres se querem pequenas como a sardinha. Foi no século VIII e, na centúria de 20, depois da *morte* dos espartilhos e das cinturas finíssimas, quando o corpo feminino se libertou, literalmente. Não chegou às formas do paleolítico, mas andou perto... Só que, entretanto, surgiu a inglesa Lesley Hornby, mais conhecida por Twiggy, a primeira supermodelo do mundo, que impôs, no final dos anos 1960, o corpo franzino, o cabelo curto e olhos rasgados encimados por longas sobrancelhas, transmitindo um ar andrógino.

A partir daí, os corpos foram-se querendo, por força dos desfiles de moda, cada vez mais finos, esquilidos, mesmo. Tanto de mulheres como de homens. O primeiro sinal foi dado pela Calvin Klein, nos anos 1990, quando fotografou a modelo Kate Moss, seminua, macérrima, com ar de viciada em drogas duras. E todos começaram a aparecer muito magros, olheirentos, num estilo de “heroinómanos chiques”. De tal forma se regressou ao fino, mas acrescentando-lhe o ar de doente terminal, que alguns países resolveram impedir a disse-

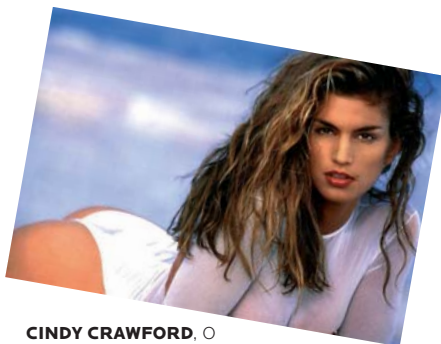
Top Models

Gordura vai, gordura vem

A PRIMEIRA
SUPERMODELO:
LESLEY HORNBY,
MAIS CONHECIDA
POR TWIGGY E
QUE IMPOUS O AR
ANDRÓGINO



KATE MOSS
QUANDO JÁ
ESTAVA
A CAMINHO
DA MAGREZA
EXCESSIVA
E DO AR
DE DOENTE
TERMINAL



CINDY CRAWFORD, O
REGRESSO DAS CURVAS
AOS DESFILES DE MODA



DE TANTO PHOTO-
SHOP, A MODELO
FILIPPA HAMILTON
FICOU COM A CABEÇA
MUITO MAIS LARGA
DO QUE O CORPO...

minação da ideia de que magreza é beleza. Em 2006, o governo regional de Madrid proibiu desfiles de *looks* anoréticos e a polémica resolução foi bem aceite pela Cibeles, uma das mais importantes semanas da moda europeias que decorre anualmente na capital espanhola. Perto de 40 por cento das manequins foram vetadas: todas as que apresentavam um aspeto doentio e um índice de massa corporal abaixo dos 18.

“Estamos magras mas não doentes”, queixaram-se as excluídas, estranhando o comportamento espanhol (em França e em Inglaterra houve apelos no mesmo sentido, mas não se chegou a medidas drásticas). As modelos poderão ter alguma razão, face às exigências do outro lado do mundo. Ainda no passado mês de outubro, a Ralph Lauren despediu uma das suas modelos com o argumento de que era muito gorda, isto depois de abusar do Photoshop para lhe adelgaçar o corpo nas fotos das suas campanhas publicitárias e com tanto exagero que a modelo aparecia com a cabeça muito mais larga do que o corpo. Ora, Filippa Hamilton, de 23 anos, que trabalhava para a marca desde 2002, pesava 54 quilos e media 1,77 de altura, com estes números não poderia desfilas em Espanha e, segundo a Organização Mundial de Saúde, o seu peso ideal deveria ser de 70,9 kg...

De facto, o mundo parece esquizofrénico. Nos Estados Unidos, onde os corpos do cidadão comum são cada vez mais volumosos, a marca que redefiniu o “estilo americano” quer cabides. Na Alemanha, a revista feminina de maior tiragem decidiu substituir as fotografias de corpos de manequins moldados por programas informáticos por “mulheres reais”. A causa? A diretora da publicação, Andreas Lebert, disse estar farta de engordar corpos com Photoshop para que as raparigas parecessem pessoas normais. “O peso médio das modelos é cerca de 23% menor do que a maioria das mulheres”, disse, adiantando que também tinha recebido muitas queixas de leitoras incapazes de se identificarem com as modelos das capas.

O corpo, independentemente da beleza, é o património natural do ser humano. “As sociedades humanas agem sobre o corpo através de regras de etiquetas, sanções e proibições, de prémios e castigos, de leis e penas e tudo isso se reflete na forma de andar, sentar dormir, amar, de se alimentar, etc. Nesse sentido, o corpo é uma encruzilhada de acontecimentos culturais e sociais, animais e psíquicos, uma confluência de fenómenos, uma rede de emoções, uma teia de movimentos, um repertório inesgotável de gestos”, dizia, no século XIX, o pensador brasileiro José Carlos Rodrigues. ■

anatario@expresso.imprensa.pt